

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, PRÁTICAS SOCIAIS E IDENTIDADE EM FLORES DA CUNHA (RS)

Elisa Battisti*
Natalia Guzzo**

Resumo: A variação linguística é moderada em municípios da antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul (RCI-RS). A análise da elevação variável da vogal /e/ para [i] em Flores da Cunha (RS), com base nas noções de globalização e localismo (FAIRCLOUGH, 2006) e práticas sociais e identidade (WENGER, 1998; ECKERT, 2000; WOODWARD, 2005), revela que empregar vogal não elevada [e] é uma das características do falar local, recurso sinalizador de identidade que refreia a elevação.

Palavras-chave: variação linguística; elevação de vogal média anterior átona; identidade.

INTRODUÇÃO

■ **A** elevação das vogais médias /e/ e /o/ átonas (*menino~minino, ponte~porti, costela~custela, ponto~pontu*) para [i] e [u] é realização apontada na literatura como caracterizadora de falares regionais (BISOL, 1981, entre muitos outros).

No Rio Grande do Sul, as proporções de elevação nas diversas comunidades de fala são heterogêneas, maiores na capital, menores no interior. Essa heterogeneidade é, em geral, explicada pelo contato, em comunidades do interior do estado, entre o português e o espanhol e os falares dialetais alemães e italianos. Nessas línguas, o processo de elevação não se aplica (BATTISTI, 1993; ROVEDA, 1998); por conseguinte, o português falado em comunidades bilíngues apresenta índices menores de aplicação da regra. Essas interpretações enfatizam motivações linguísticas para a resistência à elevação. Porém, o que está em jogo em termos sociais?

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: battisti.elisa@gmail.com

** Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Guzzo (2010) realizou pesquisa sociolinguística variacionista (LABOV, 1972, 1994, 2001) em Flores da Cunha, município com cerca de 26.500 habitantes, fundado no final do século XIX e situado na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul (RCI-RS)¹. Investigou a realização da vogal /e/ átona. Controlou variáveis linguísticas e extralinguísticas e procurou explorar as motivações sociais da (maior ou menor) elevação vocálica. Verificou que a proporção total de elevação de /e/ é modesta, em torno de 50%, e atribuiu esse índice ao fato de a comunidade preservar tradições da época da imigração italiana, o que inclui algumas realizações linguísticas relacionadas à fala dialetal dos descendentes de imigrantes.

Neste trabalho, retomam-se resultados de Guzzo (2010) e aprofunda-se a interpretação das motivações sociais e históricas para a moderada elevação vocálica em Flores da Cunha. A ideia é a de que a tendência a resistir a processos de variação e mudança linguística resulta da tensão entre práticas sociais locais (tradicionalistas) e globais (inovadoras), em que identidade desempenha papel importante.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Local e global na variação linguística

Fairclough (2006) distingue globalização de cima (do inglês *globalization from above*) de globalização de baixo (do inglês *globalization from below*). A primeira é característica de agentes e agências poderosas, como empresas ou escritórios governamentais, que adotam a estratégia do globalismo. A segunda, de interesse neste estudo, é a de indivíduos ou grupos situados em locais específicos, ao adaptar-se para ganhar com as mudanças, ou defender-se delas. Os laços entre cultura e lugar enfraquecem na cultura globalizada, o que, no entanto, não acarreta o surgimento de uma cultura global homogênea. As pessoas incluem eventos globais e distantes na percepção do que seja significativo em suas vidas, numa interpenetração entre global e local que liberta a identidade pessoal dos limites de locais particulares, embora as certezas e seguranças de vida permaneçam ligadas aos locais particulares.

Com Fairclough (2006), pode-se pensar que, em termos de recursos linguísticos, os indivíduos utilizem variantes cada vez menos marcadas por traços locais quando libertam sua identidade pessoal dos limites da comunidade. Ou, de forma inversa, que utilizem preferentemente variantes locais quando sua identidade pessoal apresenta forte relação com a comunidade, marcando, assim, pertença ao grupo de origem.

No que se refere a Flores da Cunha, o global e o local necessitam ser entendidos relativamente à região de que o município faz parte, a RCI-RS. Quatro aspectos merecem destaque:

1. a constante redefinição das fronteiras dos municípios da RCI-RS pelas relações (econômico-culturais) estabelecidas entre municípios vizinhos. Essa redefinição repercute nas práticas sociais individuais. Por exemplo, para estudar, os habitantes mais jovens deslocam-se diariamente a outras comunidades;

¹ Antiga região colonial italiana (RCI-RS) designa a área geográfica a nordeste do Rio Grande do Sul onde foram assentados imigrantes italianos no final do século XIX. Corresponde às áreas das ex-colônias de natureza pública, fundadas entre 1875 e 1892, na Encosta Superior do Nordeste daquele estado brasileiro. Atualmente, 55 municípios localizam-se nesse território, entre eles, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Farroupilha e Flores da Cunha.

- no exercício econômico, as empresas exportam produtos, o que as coloca, e a seus colaboradores, em relação com sujeitos de localidades distantes;
2. a persistente orientação das práticas sociais individuais por estruturas tradicionais como a familiar, mesmo que o local venha sofrendo impacto dos processos globais. Os sujeitos convivem na comunidade conforme os velhos padrões da família patriarcal, o que denota, em termos de identidade, uma orientação para o local e acaba produzindo apenas a leve incorporação de elementos globais e não sua expansão maciça sobre os traços locais;
 3. o distinto ritmo e velocidade dos processos de globalização e localização nos municípios da RCI-RS, relacionado ao fato de a região, o Brasil e a própria América Latina terem nascido de processos históricos globalizadores. Alguns elementos históricos da formação social brasileira, como a orientação externa das elites, denotam a dificuldade de criação de um sentimento e de uma ideologia nacionais, fazendo prevalecer no Brasil, não só na RCI-RS, a matriz ideológica colonizada;
 4. a disparidade no desenvolvimento de certas regiões do Brasil. A RCI-RS passou por um processo de desenvolvimento tardio se comparado ao do centro do País. Isso, porém, não levou ao seu atraso socioeconômico, apenas contribuiu para enfraquecer, nela, a ideologia nacional. Quando a RCI-RS começou a apresentar índices significativos de crescimento e desenvolvimento econômico (segunda metade do século XX), a antiga tradição italiana foi reconstruída. Como consequência, na RCI-RS, a incorporação globalizadora não tem sido tão rápida.

No que tange à variação linguística, então, é de se esperar, em Flores da Cunha e nos demais municípios da RCI-RS, que a realização de formas inovadoras como as vogais elevadas seja moderada, ao mesmo tempo em que seu uso ocorra com mais frequência na fala dos sujeitos afetos por eventos e processos globais.

Práticas sociais, identidade e variação linguística na RCI-RS

Práticas sociais são o que fazemos em grupo, influenciados social e historicamente (WENGER, 1998; ECKERT, 2000). Segundo Woodward (2005), a identidade é relacional, marcada pela diferença. Quando o sentimento de pertença a um grupo soma-se à atribuição de um valor positivo, características que o diferenciam de outros são ressaltadas. Pode-se pensar, quanto à variação linguística, que, quando o valor atribuído pelos indivíduos a seu grupo é positivo, características de sua fala podem se acentuar.

A memória é um elemento importante para a construção da identidade de um grupo, pois acentua as diferenças existentes entre ele e outras comunidades. Zanini (2006, p. 23) compreende memória como “uma ligação entre o eu e o mundo no qual as experiências significativas tomam lugar”. Por meio da preservação ou da reconstrução das memórias, pode-se fazer com que as raízes do grupo sobrevivam e com que o passado conviva com o presente.

Uma maneira de preservar a memória e, conseqüentemente, a identidade de um grupo, é a manutenção de determinadas características da fala. A preservação da fala dialetal italiana, por exemplo, bem como da fala em português com características dialetais, reforça identidade. Zanini (2006, p. 16) compreende italianidade como “uma construção que se desenvolveu partindo de encontros particulares que conduziram a uma atribuição identitária específica e proces-

sual”. Práticas sociais associadas à imigração, como a cultura da uva e a manutenção da fala dialetal ou de características dialetais italianas, reforçam o pertencimento ao local e a diferença do grupo de origem italiana em relação a outros grupos. Isso contribui para a tendência moderada de realizações variáveis inovadoras na RCI-RS, que Guzzo (2010) verifica em Flores da Cunha relativamente à elevação de /e/.

A VARIAÇÃO DE /E/ ÁTONO EM FLORES DA CUNHA

O estudo da elevação de /e/ em Flores da Cunha, de Guzzo (2010), envolveu a fala de 32 informantes do BDSer², 16 de zona rural, 16 de zona urbana, dos gêneros masculino e feminino e de quatro faixas etárias (de 15 a 30 anos, de 31 a 50 anos, de 51 a 70 anos, 71 ou mais anos), numa proporção de dois informantes por célula. Das 32 entrevistas, levantaram-se 25.708 contextos de elevação, e a regra aplicou-se em 50,7% desses contextos, isto é, verificaram-se 13.022 ocorrências de elevação.

Controlaram-se três variáveis sociais – Gênero, Idade, Local de Residência (Zona Urbana ou Zona Rural) – e seis linguísticas – Contexto Fonológico Precedente e Seguente, Presença de Coda na Sílabas, Presença de Onset na Sílabas, Vogal da Sílabas Seguente e Posição da Vogal Média na Palavra.

Todas as variáveis foram consideradas estatisticamente relevantes, mas apenas os resultados das variáveis sociais serão relatados a seguir. Nas tabelas, além das proporções de aplicação referentes aos fatores de cada variável controlada, há pesos relativos no intervalo de 0 a 1, que indicam o papel condicionador (de 0,51 a 1), não condicionador (de 0 a 0,50) ou neutro (em torno de 0,50) do fator frente à elevação.

Resultados estatísticos

Gênero

Os resultados obtidos para a variável Gênero mantiveram-se em torno do ponto neutro, o que não permitiu fazer afirmações sobre seu papel frente à elevação em Flores da Cunha.

Tabela 1 – Gênero

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Feminino	6.900/13.226	52,2	0,51
Masculino	6.122/12.482	49,0	0,48
Total	13.022/25.708	50,7	–

Input 0.522

Significância 0.001

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Idade

As faixas etárias mais jovens obtiveram pesos relativos mais altos:

Tabela 2 – Idade

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
18 a 30 anos	3.999/6.7	58,9	0,61
31 a 50 anos	3.400/6.253	54,4	0,55
51 a 70 anos	3.291/6.6	49,3	0,48
71 anos ou mais	2.332/5.9	38,9	0,32
Total	13.022/25.708	50,7	-

Input 0,522

Significância 0,000

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os fatores 18 a 30 anos e 31 a 50 anos mostram-se favorecedores à aplicação da regra, enquanto a faixa etária que vai dos 51 aos 70 anos se mostra neutra e o fator 71 anos ou mais apresenta papel desfavorável à aplicação da regra.

O fato de as faixas etárias mais jovens introduzirem a forma inovadora na comunidade pode ser indicio de que esteja havendo ali mudança em progresso.

Local de residência

O fator Zona Urbana mostrou-se favorecedor da elevação de /e/, com peso relativo de 0,55, enquanto que Zona Rural apresentou peso relativo de 0,44 e é, assim, fator desfavorecedor à aplicação da regra.

Tabela 3 – Local de residência

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	Peso Relativo
Zona Urbana	6.848/12.647	54,1	0,55
Zona Rural	6.174/13.061	47,3	0,44
Total	13.022/25.708	50,7	-

Input 0,522

Significância 0,000

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os indivíduos da zona rural de Flores da Cunha mantêm contato mais estreito com a fala dialetal italiana, em que a elevação de /e/ não ocorre. Já os habitantes da zona urbana deslocam-se com mais frequência aos centros urbanos próximos, como Caxias do Sul e Vacaria, onde não têm as mesmas oportunidades de praticar a fala dialetal italiana e onde a elevação de /e/ é mais frequente.

Discussão dos resultados estatísticos

Realizou-se análise de conteúdo³ das entrevistas sociolinguísticas dos oito informantes jovens de Guzzo (2010), grupo etário que mais eleva a vogal média /e/, para identificar que práticas sociais realizam, se tradicionais ou inovadoras. Nas entrevistas, os assuntos abordados foram: *família, trabalho/estudo, lazer e religião*, tomados como categorias de análise.

A família é bastante valorizada. Todos os jovens moram com os pais, exceto S. T., que é casado, reside com a esposa e trabalha há um ano numa metalúrgica da cidade, e S. B., que há cerca de um mês deixou a casa paterna para estabelecer-se na zona urbana, onde trabalha num supermercado. S. T. construiu, antes de casar, uma moradia ao lado da casa dos pais e, nos fins de semana, os ajuda no trabalho com a lavoura. Para os jovens florenses, urbanos ou rurais, portanto, só será preciso sair da casa paterna em situação de necessidade.

Os ofícios, em Flores da Cunha, passam de pai para filho. S. T. e E. Be. aprenderam a agricultura com os pais e trabalharam na lavoura quando crianças. C. Mu. comanda, com a família, um pequeno hotel, localizado em Otávio Rocha, distrito rural de Flores da Cunha. Na zona urbana, ainda que com menos frequência, as ocupações dos pais também são aprendidas e adotadas pelos filhos. É o caso de famílias como a de C. P., em que grande parte dos homens é caminhoneiro. Sendo mulher, C. P. não seguirá essa profissão, mas lhe caberá um ofício comum às mulheres da família: tomar conta da contabilidade, das finanças e da casa, enquanto os homens estão viajando. Outro informante da zona urbana, A. C., trabalha com o pai, que é engenheiro industrial, em moinhos da região.

Apenas um dos oito informantes jovens possui pais separados. Nas famílias dos outros jovens, pai e mãe são casados. Em geral, outros parentes, como avós ou tios, moram com a família ou em uma residência próxima. Na casa da informante S. B., por exemplo, na zona rural, moram seus pais, suas duas irmãs e seus avós maternos. Segundo ela, é comum, em fins de semana, que outros parentes os visitem, em função de os avós já terem certa idade e não poderem se deslocar dali.

A rotina diária e o trabalho são compartilhados pelos integrantes de muitas famílias florenses, especialmente por aquelas que residem na zona rural e tiram seu sustento do cultivo de produtos agrícolas. Na cidade, as ocupações são mais numerosas e a rotina de trabalho é diferente. Para C. M., que foi de Bagé a Flores da Cunha com cerca de sete anos de idade, o serviço nas fábricas florenses é árduo. Ele trabalha numa empresa de plásticos e não gosta muito do que faz: a ocupação é cansativa, a recompensa é pouca e não se tem muito tempo para descansar. O problema, em sua opinião, não é da empresa, mas sim da cidade. Ele pensa que Flores da Cunha “é uma cidade pra quem gosta de trabalha(r), no meu ponto de vista. Não é uma cidade de lazer. [...] O pessoal lá [de Bagé] é diferente, o pessoal prefere mais é lazer do que:: trabalha(r)”.

O estudo, assim como o trabalho, parece ser valorizado pelos informan-

3 Segundo Freitas e Janissek (2000), a análise de conteúdo envolve a elaboração de inferências e deduções a respeito de um conjunto de dados textuais (orais ou escritos). É um método que permite ao pesquisador “analisar as entrelinhas das opiniões das pessoas, não se restringindo unicamente às palavras expressas diretamente, mas também àquelas que estão subentendidas no discurso, fala ou resposta de um respondente” (FREITAS; JANISSEK, 2000, p. 37).

tes jovens de Flores da Cunha. Quando perguntada sobre o fato de os jovens (florenses ou não) serem responsáveis com relação aos estudos, C. S. opina: “Alguns jovens até levam a sério, assim, sabem que estuda(r) vai te leva(r) a algum lugar. Mas tem o(u)tros que ficam: ‘Ah, vo(u) estuda(r) pra quê? Vo(u) consegui(r) um emprego’. Só que eles não (es)tão certos, tem que estuda(r)”. Ao longo da discussão sobre esse assunto, ela completa: “Se tu não estuda(res), tu não vai(s) consegui(r) i(r) pra algum lugar. Tu nunca vai(s) se(r) um bom profissional”. S. B., que terminou o Ensino Médio no ano anterior, diz sentir falta da escola: “Eu vivi a escola intensamente. [...] Eu sempre gostei de estuda(r), então eu gostava de i(r) pra escola. [Durante as férias] não via a hora de estuda(r) de novo”.

A valorização do estudo é uma prática inovadora na comunidade e está associada às gerações mais jovens. O elevado valor dado ao trabalho, por sua vez, é uma prática tradicional em Flores da Cunha e está associado às gerações mais velhas e aos ideais relacionados à saga da imigração italiana. Os jovens, porém, não dão valor apenas ao estudo, uma vez que o trabalho é igualmente importante para eles. Nesse sentido, tradição e inovação convivem numa mesma geração, aparentemente sem conflitos.

Sobre lazer, os informantes não forneceram respostas unânimes. Alguns, como C. P. e C. M., da zona urbana, costumam descansar. Outros preferem sair com os amigos ou assistir a filmes, como A. C. e C. S., também da zona urbana. Para os informantes da zona rural, no fim de semana os parentes se encontram, seja para uma conversa, seja para um almoço.

A religiosidade (católica) também é prática tradicional. Boa parte dos informantes de Flores da Cunha, jovens ou não, assumiu assistir a missas. Entre os jovens da zona rural, todos afirmam crer em Deus e ser religiosos. Entre os jovens da zona urbana, ir à missa não é um hábito regular. C. S., por exemplo, afirma que somente vai à igreja quando há celebrações importantes.

Os jovens florenses deslocam-se para fora da comunidade. A. C. e C. S. vão diariamente a Caxias do Sul, em função da faculdade. C. S., além disso, namora um garoto natural desse município. S. T., que pratica *motocross*, conta que vai regularmente a Caxias do Sul para obter equipamento para sua motocicleta. C. Mu., ainda que não saia frequentemente do hotel, às vezes, vai com o pai fazer compras nos hipermercados de Caxias do Sul. E. Be. tem por hábito, em seu tempo livre e quando o lucro da safra permite, viajar com a família aos outros municípios da região. Esse informante, além disso, já fez parte de um sindicato e, por causa disso, teve a oportunidade de conhecer Brasília e outras cidades brasileiras, e já foi ao Norte e Nordeste do Brasil, visitar parentes.

A análise de conteúdo das entrevistas atestou o que se esperava: a manutenção de práticas sociais tradicionais, até mesmo pelos jovens. Essas estão ligadas à vida rural, ao trabalho familiar, às festas de comunidade, à preservação da religiosidade e do dialeto italiano e assinalam pertença à localidade. As práticas inovadoras estão relacionadas à vida urbana, ao deslocamento a outros centros, ao estudo, a uma menor valorização do trabalho e a uma maior valorização do lazer.

Não se pode afirmar que os jovens realizem apenas práticas tradicionais ou apenas práticas inovadoras. Observando-se os índices individuais de

aplicação da regra e relacionando-os às afirmações dos jovens, percebe-se que os percentuais mais altos de elevação de /e/ ocorrem na fala dos jovens que se orientam menos à localidade. Ainda que a preservação de /e/ seja um fenômeno sutil, ela é associada ao falar gringo, dos descendentes de imigrantes italianos. O jovem que procura dissociar-se desse estereótipo adota formas de falar que o aproxime do padrão de grandes centros urbanos, como a elevação do /e/. É possível perceber nos minutos iniciais de algumas gravações um cuidado com a fala, que reforça não só a elevação de /e/, mas outros processos prestigiados. O jovem de Flores da Cunha, além de saber que pode ser estigmatizado por causa de seu uso da linguagem, reconhece quais são as variantes de maior e menor prestígio dentro e fora da comunidade e faz uso delas quando necessário.

CONCLUSÃO

A proporção de elevação de /e/ verificada por Guzzo (2010) em Flores da Cunha é moderada, mas o processo não apresenta indícios de assim estabilizar-se na comunidade. O controle da variável Idade indica variação na mudança em progresso: os informantes mais jovens e de zona urbana condicionam a aplicação da regra, revelando a tendência futura de a elevação tornar-se cada vez mais frequente na fala da comunidade.

O trabalho mostrou que a mudança pela variação moderada tende a progredir lentamente em Flores da Cunha dadas as características da comunidade e da região a que pertence, a RCI-RS. Nela, o desenvolvimento de um nacionalismo brasileiro foi tardio, assim permitindo que as antigas tradições italianas seguissem orientando as práticas sociais dos sujeitos no século XX, chegando ao século XXI. Certamente a comunidade, nas diferentes faixas etárias, sofre impactos de elementos globais, mas a identidade italiana (italianidade), valores e práticas a ela associadas filtram parte das inovações, permitindo que realizações caracterizadoras de um sotaque *gringo* sigam ocorrendo, mesmo após 135 anos de imigração italiana no Brasil meridional.

REFERÊNCIAS

- BATTISTI, E. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. 1993. Dissertação (Mestrado em Letras: Língua Portuguesa)–Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.
- BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese (Doutorado em Linguística)–Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- ECKERT, P. *Linguistic variation as social practice: the linguistic construction of identity in Belten High*. Malden/Oxford: Blackwell, 2000.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and globalization*. London: Routledge, 2006.
- FREITAS, H.; JANISSEK, R. *Análise léxica e análise de conteúdo: técnicas complementares, sequenciais e recorrentes para exploração de dados qualitativos*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

GUZZO, N. B. *A elevação da vogal média anterior átona em Flores da Cunha (RS)*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras)–Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford/Malden: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford/Malden: Blackwell, 2001.

ROVEDA, S. D. *Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues: português e italiano*. 1998. Dissertação (Mestrado em Letras)–Instituto de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

WENGER, E. *Communities of practice: learning, meaning, and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

ZANINI, M. C. C. *Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria*. Santa Maria: Editora UFSM, 2006.

BATTISTI, E.; GUZZO, N. Language variation, social practice and identity in Flores da Cunha (RS). *Todas as Letras*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 167-175, 2012.

Abstract: Language variation is moderate in the Old Italian Colonial region of Rio Grande do Sul state, Brazil. The analysis of the variable raising of /e/ to [i], based on the notions of globalization and localism (FAIRCLOUGH, 2006), social practice and identity (WENGER, 1998; ECKERT, 2000; WOODWARD, 2005), shows that the use of the non-raised vowel is one of the characteristics of the local accent, a way of signaling identity which refrains the vowel raising.

Keywords: language variation; raising of the unstressed mid front vowel; identity.

Recebido em junho de 2010.
Aprovado em fevereiro de 2012.